

# SUMÁRIO

<i>Agradecimentos</i> .....	9
<i>Abreviações</i> .....	11
Introdução: “Azulado, mas difícil de enxergar” .....	13
1. “Senhor e Doador da vida” .....	29
2. Espírito criador .....	47
3. Preparando um corpo: o Espírito na história da redenção .....	81
4. O Espírito de juízo e de poder do último dia .....	103
5. Trocando de lugar: o discurso de despedida .....	119
6. A era do Espírito .....	135
7. Batismo com o Espírito .....	167
8. O dom da salvação .....	199
9. O Espírito concede .....	223
10. Como o Espírito concede .....	241
11. O Espírito de glória .....	281
12. O Espírito e a noiva .....	287
<i>Índice de passagens bíblicas</i> .....	319
<i>Índice remissivo</i> .....	327

# AGRADECIMENTOS

Poucos temas são tão recompensadores do nosso tempo e da pesquisa paciente quanto o da pessoa e obra do Espírito Santo, e esse fato foi-me confirmado enquanto estive elaborando esses capítulos nos últimos anos. O projeto teve início pelo convite gentil da Moore Theological College, em Sydney (Austrália), para sua série de palestras anuais. Portanto, dedico este livro à faculdade e, de modo especial, a meu amigo e reitor, Mark Thompson. Também sou grato a Michael Allen por suas informações e correções valiosas. Aprecio muito o coleguismo, a sabedoria e a experiência da equipe da editora Zondervan — em particular Ryan Pazdur e Christopher Beetham. Agradeço de modo especial, mais uma vez, à minha mulher e aos meus filhos pelo interesse, pelos comentários sobre o texto e pelo estímulo em relação a este projeto.

## INTRODUÇÃO

# “AZULADO, MAS DIFÍCIL DE ENXERGAR”

O filme *O céu é de verdade*, baseado no livro homônimo de Todd Burpo, lançado em 2010 — permanecendo em primeiro lugar na lista de best-sellers do *New York Times* durante quarenta semanas consecutivas —, conta a história de um menino de 3 anos de idade que supostamente teve uma visão do céu durante uma cirurgia de emergência. Os avós falecidos foram descritos com detalhes. E também Jesus. Sentado no colo dele, Colton, o menino, descobriu que Jesus — dono de “olhos esverdeados” — tinha um cavalo com as cores do arco-íris. Até mesmo Gabriel foi descrito com detalhes junto a Deus, o Pai (dono também de olhos azuis) — ao que parece uma versão maior do anjo famoso. Entretanto, o Espírito Santo era “azulado, mas difícil de enxergar...”.

“Azulado, mas difícil de enxergar”: essa descrição pode vir a calhar para abrir nossa pesquisa. Quem é exatamente a misteriosa terceira pessoa da Trindade? Por que ele parece contar com menos realidade ou, pelo menos, menor quantidade de características descritivas que o Pai e o Filho? Trata-se apenas de uma dificuldade da cultura popular — e, por implicação, das igrejas que ajudam a moldá-la? Ou o perfil do Espírito é mais desfocado na crença mais ampla e na prática dos ramos principais da cristandade? De acordo com o teólogo puritano John Owen, nós desfrutamos “comunhão distinta com cada pessoa da

Trindade”, incluindo o Espírito Santo.<sup>1</sup> No entanto, desfrutamos mesmo? Ou nossa tendência é pensar no Pai, no Filho e no Espírito como uma pessoa com três nomes ou “faces” diferentes? Talvez pensemos no Espírito Santo como uma força ou energia com a qual podemos nos “plugar” para obter poder espiritual. Ou como um lado de Deus mais afável ou gentil — mais íntimo. Mas uma pessoa — na verdade, uma pessoa distinta na divindade?

Sempre será oportuno refletir um pouco mais sobre a pessoa e obra do Espírito Santo — conhecidas tecnicamente como *pneumatologia*. Contudo, essa reflexão se torna ainda mais premente na contemporaneidade. “Até pouco tempo”, destaca Veli-Matti Kärkkäinen, “era comum apresentar os tratados pneumatólogicos com um lamento a respeito da negligência sobre o Espírito”. Entretanto, “um dos maiores avanços teológicos é o interesse sem precedentes pelo Espírito Santo”.<sup>2</sup> Esse interesse procedeu de várias tradições e alcançou muitas outras. Assim como ocorreu com o interesse renovado sobre a teologia trinitária em sentido mais amplo, existem oportunidades para descobertas e também para distorções. *Insights* cruciais sobejaram a partir de uma grande variedade de tradições cristãs nos anos mais recentes, além de críticas (às vezes desmedidas) de negligência ostensiva do Espírito ao longo de várias linhas da história cristã e consequentes correções exageradas.

A teologia deve manter os mais altos (legítimos) padrões acadêmicos, mas isso deve ser feito em última instância para a igreja e não para a academia. Parece bem evidente existir uma séria polarização em nossas igrejas a respeito do Espírito Santo. Ao reagir aos movimentos pentecostal e carismático, alguns cristãos passaram a suspeitar do assunto. Muitos de nós ainda nos lembramos da expressão *Holy Ghost*<sup>3</sup> encontrada na antiga versão bíblica King James. Para a maior parte das pessoas de hoje, o termo *ghost* encontra mais associação com a Véspera de Todos os Santos (ou Halloween) que com o Domingo de Pentecostes. Especialmente em nossa era, o Espírito Santo é considerado (se de fato levado a sério) o membro “assustador” da Trindade. Se você se interessa por esse tipo de assunto — coisas paranormais e sensacionais —, então o tema do Espírito Santo é para você.

---

<sup>1</sup>John Owen, *Communion with the Triune God*, edição de Kelly M. Kapic; Justin Taylor (Wheaton: Crossway, 2007), p. 95 [edição em português: *Comunhão com o Deus trino* (São Paulo: Cultura Cristã, 2010)].

<sup>2</sup>Veli-Matti Kärkkäinen, org., *Holy Spirit and salvation: the sources of Christian theology* (Louisville: Westminster John Knox, 2010), p. xi.

<sup>3</sup>*Ghost* é uma palavra inglesa de origem saxã que significa “espírito, aparição, fantasma”. Era usada para designar tanto o Espírito de Deus (*Holy Ghost*, o Espírito Santo) como os fantasmas e as aparições de contos e lendas. (N. do T.)

Desejo desafiar essa associação do Espírito apenas com o extraordinário. Ela é totalmente infeliz, pois distingue sua obra de forma muito aguda da do Pai e do Filho e também nos distrai do vasto alcance de sua atividade em nosso mundo e em nossa vida. Tratamos com extrema facilidade o Espírito Santo, nos dois lados da divisão pentecostal, como um marcador dos aspectos “extras” do cristianismo. Sem dúvida temos o Pai e o Filho, mas também precisamos do Espírito Santo. Você pode ter sido redimido, mas recebeu o batismo no Espírito? A Palavra é vital, mas não devemos nos esquecer do Espírito. A doutrina é importante, mas também existe a experiência.

Como consequência, associam-se ao Espírito apenas papéis previsíveis — na maior parte, como figurante, em especial a partir do livro de Atos dos Apóstolos — que suscitam debates se devemos esperar as ocorrências dos mesmos sinais e maravilhas hoje. Pensamos nele quando falamos sobre regeneração e santificação e quando debatemos a respeito de seus dons mais controversos. De outra forma, ele se mantém fora da visão e da mente pelo fato de os dons extraordinários não serem mais considerados em operação.

Ao mesmo tempo, o teólogo pentecostal Frank D. Macchia observa: “Diante de tudo o que ouvimos dos pentecostais sobre a importância da pneumatologia, percebemos que eles precisam ainda inserir seu interesse pneumatológico, restrito no poder de ação carismático/missionário, em uma estrutura pneumatológica mais ampla”.<sup>4</sup> Nesse ponto, a maior diferença está no que se pensa a respeito dos “extras”, de sua centralidade e de seu papel contínuo na vida da igreja.

Debates sobre sinais e maravilhas diminuíram o repertório do Espírito. O papel do Espírito Santo em nossa fé e prática é diminuído na proporção exata de sua associação de forma exclusiva com o espetacular, imediato, espontâneo e informal. Quando isso ocorre, nós nos acomodamos facilmente com a escolha falsa entre o formalismo e o entusiasmo. E quando seu significado é reduzido à experiência interna do indivíduo, perde-se parte das características mais interessantes e essenciais de sua pessoa e obra.

Apesar de fazer uma generalização, o teólogo beneditino Kilian McDonnell foi preciso em relação à matéria:

Tanto no protestantismo como no catolicismo, a doutrina do Espírito Santo, ou pneumatologia, lida primordialmente com as experiências particulares, e não públicas. No protestantismo, o interesse pela pneumatologia é de cunho

---

<sup>4</sup>*Baptized in the Spirit: a global Pentecostal theology* (Grand Rapids: Zondervan, 2006), p. 18.

marcadamente pietista com sua função de interioridade e introspecção. No catolicismo romano, sua expressão principal consiste em livros sobre a espiritualidade ou a renovação carismática, ou quando se toca no tema dos elementos estruturais da igreja. No Ocidente, pensa-se sobretudo em categorias cristológicas, e o Espírito Santo é algo extra, um adendo, uma janela “falsa” para prover simetria e equilíbrio ao *design* teológico. Estabelecemos nossos grandes construtos teológicos em categorias cristológicas constitutivas e, então, no segundo momento, não constitutivo, adornamos o sistema já estabelecido com berloques pneumatológicos e um pouco de ouropel do Espírito.<sup>5</sup>

De modo similar, no final do século 19, Abraham Kuyper lamentou: “Apesar de honrarmos o Pai e crermos no Filho, quão pouco vivemos no Espírito Santo! Às vezes até pode parecer que para a nossa santificação concede-se o Espírito Santo apenas por acidente à grande obra da redenção”.<sup>6</sup>

Se o Espírito consiste tantas vezes em um pensamento posterior de nossa teologia, não é surpreendente observar às vezes o súbito rebaixamento do Espírito imiscuindo-se em nossas orações, discurso, louvor e outros aspectos da piedade cotidiana. Evidentemente, o Pai é Deus, e os protestantes fiéis lutaram firmemente a favor da divindade plena do Filho. Entretanto, é comum que o Espírito seja considerado apenas um facilitador do nosso relacionamento com o Pai e o Filho. Contudo, o Espírito Santo é plenamente Deus no mesmo sentido que o Pai e o Filho? O Credo Niceno às vezes nos faz parar para refletir quando dizemos que o Espírito “juntamente com o Pai e o Filho é adorado e glorificado”?<sup>7</sup> Se a tendência de alguns é considerar o Filho inferior ao Pai, então com certeza

<sup>5</sup>Citado em Veli-Matti Kärkkäinen, *The Holy Spirit: a guide to Christian theology* (Louisville: Westminster John Knox, 2004), p. 82, de Killian McDonnell, “The determinative doctrine of the Holy Spirit”, *Theology Today* 39.2 (1982): 142.

<sup>6</sup>*Abraham Kuyper, The work of the Holy Spirit*, tradução para o inglês de Henri De Vries (New York: Funk & Wagnalls, 1900; reimp., Grand Rapids: Eerdmans, 1979), p. xii.

<sup>7</sup>Eis o texto do Credo Niceno: “Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso, Criador do céu e da terra, tanto das cousas visíveis como das invisíveis. E em um só Senhor Jesus Cristo, Filho unigênito de Deus, nascido do Pai antes de todos os mundos, Deus de Deus, Luz da Luz, verdadeiro Deus do verdadeiro Deus, gerado, não criado, de uma só substância com o Pai, por quem todas as cousas foram feitas; o qual por nós homens e pela nossa salvação desceu do céu e se encarnou pelo Espírito Santo na virgem Maria e foi feito homem; foi também crucificado por nós sob Pôncio Pilatos, padeceu e foi sepultado; e ao terceiro dia ressuscitou segundo as Escrituras, e subiu aos céus, e está sentado à direita do Pai e virá novamente em glória a julgar os vivos e os mortos, cujo reino não terá fim. E no Espírito Santo, Senhor e Doador da vida, o qual procede do Pai e do Filho, que juntamente com o Pai e o Filho é adorado e glorificado; que falou pelos profetas. E numa única santa igreja cristã e apostólica. Confesso um só batismo para remissão dos pecados, e espero a ressurreição dos mortos e a vida do mundo vindouro. Amém”. Disponível em: <http://www.ielb.org.br/a-ielb/?id=30>. (N. do T.)

## “SENHOR E DOADOR DA VIDA”

O Espírito Santo encontra-se eternamente em ação na divindade, repousando no Pai por meio do Filho. Em todas as obras externas da Trindade — Criação, providência, redenção e consumação —, o Espírito torna eficaz o discurso do Pai no Filho a fim de completar a intenção de quem discursa. O discurso do Pai jamais volta para ele sem surtir efeito porque seu Espírito produz na criação o “amém” a qualquer coisa cuja existência o Pai tenha expressado por meio de palavras no Filho e para ele.

Sustento duas ênfases amplas neste estudo: 1) A *distinção* da pessoa e da obra do Espírito juntamente com sua *unidade* com o Pai e o Filho; 2) A identificação das operações do Espírito na Escritura não só em relação ao que é extraordinário, espontâneo e imediato, mas também — e ainda com mais frequência — com o que é comum, ordenado e realizado por meio das criaturas. Enquanto reflito sobre a unidade do Espírito com o Pai e o Filho, quero explorar a distinção e o caráter único da pessoa e obra do Espírito Santo. Minha própria experiência revela a tendência de considerar o Espírito uma figura obscura, relacionada de alguma forma com as outras pessoas — às vezes até mesmo borrada pela identidade mais destacada de Jesus Cristo. Grande parte do que tenho a dizer a respeito do Espírito neste livro consistirá em lidar de perto com o desdobramento narrativo da Escritura. Entretanto, é preciso começar com algumas coordenadas doutrinárias cruciais.

## “SENHOR [...] QUE JUNTAMENTE COM O PAI E O FILHO É ADORADO E GLORIFICADO”

Confessamos dois pontos principais no terceiro artigo do Credo Niceno: o Espírito Santo é “Senhor” e “Doador da vida”.<sup>1</sup> Mediante a confissão de seu senhorio, proclama-se que o Espírito é um com o Pai e o Filho tanto em essência quanto em operações. Não há três senhores, apenas um; como consequência, em todas as coisas realizadas pelo Deus triúno existe uma única obra divina. Esse ponto é expresso na máxima consagrada pelo tempo: *Opera trinitatis ad extra indivisa sunt* [As obras externas da Trindade são indivisas]. Tenho mais a escrever sobre isso logo abaixo.

O Espírito Santo é Senhor no mesmo sentido exato que o Pai e o Filho são o Senhor. O Espírito Santo não é uma energia divina ou um agente semidivino, e sim o Senhor Deus,  $\gamma\eta\omega\eta$ . O Espírito é representado às vezes como um aspecto mais afável da pessoa única que é Deus. O Pai (o único Deus verdadeiro) aparenta distância na transcendência soberana, mas o Espírito é Deus na forma mais íntima e cognoscível. De acordo com James D. G. Dunn: “o Espírito de Deus” nos textos de Israel “era, à semelhança da Sabedoria e da Palavra, uma forma de falar a respeito da imanência divina”.<sup>2</sup> Nessa construção, o Espírito reside no lado da *revelação*, e não da *ontologia*: não uma pessoa distinta de Deus, mas uma forma de destacar a imanência divina. Entretanto, a confissão cristã é que o Espírito deve ser “adorado e glorificado” junto com o Pai e o Filho, compartilhando sua transcendência soberana e atividade imanente no mundo de acordo com suas propriedades pessoais.<sup>3</sup>

Desejosos de discernir a Trindade no AT, os cristãos muitas vezes se valem de Gênesis 1.26: “E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme nossa semelhança...”. Mesmo que o versículo não cumpra todas as promessas feitas em seu nome, a intuição deles estava correta: ler o AT à luz do Novo Testamento (NT). Jesus interpretava a Escritura desse modo (Mt 12.40; Lc 24.27; Jo 5.39 etc.) e também os apóstolos procediam assim na pregação (At 2.14-36; 3.17,18; 15.13-19; 17.3; 26.23 etc.). Agora que a revelação

---

<sup>1</sup>Apesar de o formato final ter sido dado em Constantinopla (381 d.C.) e, portanto, ser esse credo identificado tecnicamente como Credo Niceno-Constantinopolitano, farei referência a ele apenas como Credo Niceno.

<sup>2</sup>*Did the first Christians worship Jesus? The New Testament evidence* (Louisville: Westminster John Knox, 2010), p. 126.

<sup>3</sup>Dunn destaca: “É notável não se encontrar nenhuma indicação do oferecimento de adoração ao Espírito de Deus” (Ibidem, p. 74, grifo do autor).



redentora alcançou o ponto culminante — quando o Pai enviou o Filho e o Espírito ao mundo —, conta-se com novas lentes para ler a Escritura anterior. Como consequência, por exemplo, João deu início a seu Evangelho com um eco explícito de Gênesis 1, ao exaltar Jesus como a Palavra eterna por meio de quem todas as coisas foram criadas. O tema do *Logos* já estava presente no início do judaísmo precisamente por se encontrar no AT, ainda que de forma mais latente.<sup>4</sup> De modo similar, o derramamento decisivo do Espírito e sua habitação nos crentes desde o Pentecostes é o ponto de vista a partir do qual se pesquisa o campo vasto das operações do Espírito ao longo da história de Israel.

Um argumento mais claro a favor da identidade do Espírito como pessoa distinta da divindade encontra-se no segundo versículo da Bíblia: “A terra era sem forma e vazia, e havia trevas sobre a face do abismo, mas o Espírito de Deus pairava sobre a face das águas”. Como em outras passagens, a expressão *ruakh ’elohim* pode ser traduzida aqui como “um vento de Deus” (NRSV, por exemplo): *ruakh* pode significar “vento” ou “espírito”. Entretanto, Deus é sem dúvida o autor da ação de criação-formação; assim, o Espírito é distinto de quem ordena a existência da criação. A própria ação — pairar — é pessoal; o vento sopra, mas seria estranho mencionar o vento pairando, com uma intencionalidade implícita. Além do mais, dá-se por certo, na revelação posterior, que o Espírito é o doador da vida, como em Salmos 104.30: “Envias o teu Espírito [*ruakh*], eles são criados...” (NIV). O Espírito não é um poder emanado, mas uma pessoa enviada.

Existem passagens claras no AT que indicam também a personalidade distinta do “...Espírito eterno...” (Hb 9.14), identificando, assim, essa pessoa distinta como Deus. Pelo Espírito, Moisés realiza milagres (Êx 8.19) e conduz os israelitas através das águas do batismo no mar Vermelho. O Espírito dota algumas pessoas para tarefas especiais (Êx 31.1-11; 36.30-35) e sobrevém aos profetas para poderem anunciar a palavra de Deus (2Sm 23.2; Is 59.21; Jr 1.2,8,15,19; 2Tm 3.14-17; 2Pe 1.21). O Espírito não é só um poder em ação para ensinar a sabedoria, ele mesmo é um mestre divino. Ele não é só a glória do Senhor emanante do templo, é o Senhor cuja glória irradia do templo em que ele habita. Ele veio ao templo e saiu dele. Ele não é só o poder revelador e perscrutador de Deus, ele é o revelador e perscrutador divino (1Co 2.10).

Como se verá, o Espírito é divino e pessoal especialmente nos profetas. Ele deverá ser “derramado” nos últimos dias sobre todo o povo de Deus, habitando

---

<sup>4</sup>Daniel Boyarin, “Logos, A Jewish word: John’s prologue as midrash”, in: Amy-Jill Levine; Marc Z. Brettler, orgs., *The Jewish annotated New Testament* (Oxford: Oxford University Press, 2011), p. 546-9.